



# Economia Setores dos Populares: Entre a Realidade e a Utopia

Gabriel Kraychete  
Francisco Lara  
Beatriz Costa  
(Organizadores)

Jose Luis Fiori  
Francisco de Oliveira  
José Luis Coraggio  
Paul Singer  
Luiz Inácio Gaiger  
Marcos Arruda  
L. A. Gómez de Souza

 EDITORA  
VOZES



**CAPINA**





**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Economia dos setores populares : entre a realidade e a utopia / Gabriel Kraychete, Francisco Lara, Beatriz Costa (organizadores). – Petrópolis, RJ : Vozes ; Rio de Janeiro : Capina ; Salvador : CESE : UCSAL, 2000.

Vários autores.

ISBN 85.326.2480-4

I. Economia – Aspectos sociológicos I. Kraychete, Gabriel. II. Lara, Francisco. III. Costa, Beatriz.

00-4046

CDD-330

**Índices para catálogo sistemático:**

I. Economia dos setores populares 330

**Gabriel Kraychete**  
**Francisco Lara**  
**Beatriz Costa**  
**(Organizadores)**

**José Luís Fiori**  
**Francisco de Oliveira**  
**José Luis Coraggio**  
**Paul Singer**  
**Luís Inácio Gaiger**  
**Marcos Arruda**  
**Luiz Alberto G. de Souza**

# **Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia**

**CAPINA**



 **EDITORA  
VOZES**

---

**Petrópolis  
2000**



© 2000, CAPINA – Cooperação e Apoio a Projetos de Inspiração  
Alternativa  
Rua Evaristo da Veiga, 16 s/1601 – Centro  
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ

CESE  
Salvador – BA

UCSal  
Salvador – BA

Direitos de publicação:  
Editora Vozes Ltda.  
Rua Frei Luís, 100  
25689-900 Petrópolis, RJ  
Internet: <http://www.vozes.com.br>  
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

*Capa:* Boaventura F. Maia Neto (CESE)

*Fotos da capa:* Adenor Gondim e arquivos da CESE e do CEADe

*Editoração e org. literária:* Enio P. Giachini

ISBN 85.326.2480-4

Este livro foi composto e impresso pela Editora Vozes Ltda.



## Sumário

*Gabriel Kraychete*  
Apresentação, 7

*Francisco Lara*  
*Beatriz Costa*  
Introdução, 9

*Gabriel Kraychete*  
Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia, 15

*José Luís Fiori*  
Utopias e contradições do capital nos tempos de globalização, 39  
Questões debatidas, 57

*Francisco de Oliveira*  
A crise e as utopias do trabalho, 65  
Questões debatidas, 87

*José Luis Coraggio*  
Da economia dos setores populares à economia do trabalho, 91  
Questões debatidas, 133

*Paul Singer*  
Economia dos setores populares: propostas e desafios, 143  
Questões debatidas, 163

*Luís Inácio Gaiger*  
Sentido e possibilidades da economia solidária hoje, 167  
Questões debatidas, 191

*Marcos Arruda*  
Um novo humanismo para uma nova economia, 199  
Questões debatidas, 219



Luiz Alberto Gómez de Souza  
Para se discutir uma economia dos setores populares: perguntas  
que ficam, 225

Sobre os autores, 245

Capital Kopyrisis	Apresentação T.
Introdução P.	Introdução P.
Capital Kopyrisis	Capital Kopyrisis
Questões debatidas 191	Questões debatidas 191
Luiz Fábio Guter	Luiz Fábio Guter
Questões debatidas 191	Questões debatidas 191
Capital Kopyrisis	Capital Kopyrisis
Questões debatidas 191	Questões debatidas 191
Luiz Fábio Guter	Luiz Fábio Guter
Questões debatidas 191	Questões debatidas 191
Capital Kopyrisis	Capital Kopyrisis
Questões debatidas 191	Questões debatidas 191
Luiz Fábio Guter	Luiz Fábio Guter
Questões debatidas 191	Questões debatidas 191
Capital Kopyrisis	Capital Kopyrisis
Questões debatidas 191	Questões debatidas 191
Luiz Fábio Guter	Luiz Fábio Guter
Questões debatidas 191	Questões debatidas 191
Capital Kopyrisis	Capital Kopyrisis
Questões debatidas 191	Questões debatidas 191
Luiz Fábio Guter	Luiz Fábio Guter
Questões debatidas 191	Questões debatidas 191
Capital Kopyrisis	Capital Kopyrisis
Questões debatidas 191	Questões debatidas 191
Luiz Fábio Guter	Luiz Fábio Guter
Questões debatidas 191	Questões debatidas 191



# Um novo humanismo para uma nova economia

*Marcos Arruda*

Iniciamos com uma palavra de alegria por poder estar num encontro com essa qualidade, com esse nível, com essa participação e com esses companheiros de painéis que nós tivemos. Minha tarefa, tomo como sendo não só a de ajudar a pensar sobre a temática da economia solidária, mas também a de levar cada um a se conectar com seu próprio sentimento a respeito de quem somos, do que estamos fazendo nesta existência terrena, para onde tendemos enquanto espécie e o que, portanto, significa o mundo que nós temos hoje. Para onde ele aponta? Acho que não podemos estar discutindo um projeto de outra economia sem que façamos alguma referência a qual é o ser humano de que estamos falando. É este ser humano que “eles” definem como competitivo, agressivo, violento, guerreador por natureza? Será de fato esta a natureza do ser humano?

## **I. A práxis**

Acho indispensável fazer essa referência para nos situarmos no campo da utopia que seria o referencial, na linha do que falou o Luís Inácio. Ao mesmo tempo em que é preciso ter o cuidado de não confundir o mapa com o terreno, é preciso visualizar alguma coisa. Talvez a melhor imagem, no caso, seja a de uma pessoa que faz uma escultura. O que é que faz o escultor ou a escultora, quando vê um bloco de mármore ou de granito? Primeiro, tem uma visão que atravessa a pedra e vê além da sua realidade atual. Vê na pedra uma realidade potencial, e sente em si mesmo o poder de transformar esse bloco de pedra. Esse é um primeiro passo: fundamental, mas não o único. Se ele ou ela ficar apenas contemplando, a pedra fica como está. Então, quais são os outros elementos?



Há que se ter uma grande competência técnica para saber escolher os instrumentos adequados, as ferramentas, o processo, a estratégia de trabalhar a pedra, por onde começar, por onde desenvolver e por onde concluir. Este é o segundo elemento: são os fatores que vão determinar a criação da obra.

Mas há um terceiro elemento muito importante na visão da *práxis*: à medida que se vai construindo o novo objeto, quem o esculpe vai também se construindo como o escultor do objeto. Em outras palavras: o objeto vai se formando sempre de novo, no interior de quem o faz, que não só se modifica com sua obra como também, talvez, modifica a própria obra à medida que a constrói. O resultado final, a síntese, já não é mais a visão original, mas se iniciou com aquela visão. Portanto, essa imagem poderá nos ajudar a ver a importância de todas essas etapas na hora de discutirmos um projeto.

## **2. Não só cérebro, também o coração**

Outro ponto a se considerar é que, em se tratando de um projeto de Socioeconomia Solidária – este é o termo que nós usamos –, não podemos discuti-lo só com o cérebro. Nós temos que sair do campo em que o paradigma dominante de ver o mundo nos aprisionou. Sem questionar este paradigma, nós não conseguiremos mudar. Pois se trata de mudanças que não são só objetivas, não são só de instituições e de modos de relação exteriores. Trata-se de mudanças que envolvem o interior de cada um de nós, o que eu chamo das nossas culturas – que é o conjunto de valores, atitudes, comportamentos, aspirações, modos de relação que nós levamos à prática ao longo do nosso cotidiano de vida.

Desta forma, ou a gente percebe que a luta está tanto fora quanto dentro de nós, ou não vamos estar criando uma nova relação na sociedade. Em especial, uma relação em que a produção não se ponha mais como um fim mas como um meio, a serviço de um bem muito maior, que é o desenvolvimento do ser humano integral. Pois este ser humano tem um corpo, tem necessidades materiais, mas tem, além disso, muitas outras coisas



que essa economia é incapaz de identificar e de desenvolver. Então nós precisamos pensar e trabalhar este tema não só com o cérebro, a mente, mas também com o coração. Por isso eu achei tão importante a referência do Luís Inácio ao desejo e à paixão. O primeiro passo é a gente sonhar, querer o novo, acreditar que o novo é possível: com uma fé que vem do interior da gente. É um acontecimento profundamente pessoal, no qual ninguém pode nos enquadrar. É a fé em que nós podemos fazer diferente do que aquilo que o mundo nos apresenta como sendo a única realidade a respeito de nós próprios e do próprio mundo como um todo.

### 3. O concreto

Assim, esses comentários iniciais servem para fazer um encaminhamento da reflexão que, infelizmente, não vai contemplar o que uma das companheiras me dizia no intervalo: que era para eu começar com a prática, com as experiências empíricas, para depois refletir sobre os marcos mais gerais. Pois eu acho que nem sempre isto pode ser feito, justamente porque não capta a totalidade do concreto.

Acho que um dos pensadores mais inovadores na reflexão sobre o mundo, na construção de uma ontologia da *práxis*, foi Marx. Eu vou estar usando o conceito de *concreto* do Marx para falar sobre essa questão. É o conceito que já foi referido aqui, pelo Chico (Francisco de Oliveira), de que este copo é concreto não só porque nós o estamos vendo, percebendo, tomando água nele. O concreto do copo é muito mais do que isso. Essa é uma das suas dimensões, que a gente chama de *dimensão fenomênica* – de *fenômeno* – do copo, mas o concreto do copo inclui uma realidade muito mais complexa.

O concreto do copo inclui toda a história que o gerou, todos os fatores que determinaram que este copo passasse a existir: desde a areia, sílica, até o copo manufaturado pelos seres humanos. E mais: todo o processo ou cadeia produtiva que envolveu não só trabalho manual, mas também conhecimento, idéia, aspiração, desejo, necessidade. Enfim, todo esse conjunto invisível



de fatores também faz parte do concreto do copo. E, também, todos nós que usamos esse copo fazemos parte do concreto dele. E toda a história que ele vai ter daqui para frente, até virar cacos, ser jogado num depósito de lixo e, talvez, cortar algum catador de lixo. Em suma, toda essa história também faz parte do concreto do copo.

Portanto, é com essa visão que eu me permito não começar falando do empírico, mas chegar ao empírico daqui a uns 20 minutos.

Primeiro que tudo, eu queria fazer uma referência ao fato de que, ao tentar redefinir o ser humano, nós já estamos dando um primeiro passo, muito concreto, para dentro de um projeto de uma Socioeconomia Solidária. Este vai ser um lastro sobre o qual vamos construir um conceito de Socioeconomia Solidária. A proposta é dupla: ou, diria, tripla. Em primeiro lugar, vamos dar um pequeno toque no que eu chamo de uma concepção abstrata do ser humano.

#### **4. Concepção de ser humano**

A concepção de ser humano, no mundo de hoje, está muito marcada pelo que eu tenho chamado de *centrismos*. Por exemplo, aquela frase da Margaret Thatcher, que o Chico de Oliveira mencionou aqui: – “*a sociedade não existe; a única realidade é o indivíduo*”. Essa é a concepção ontológica do neoliberalismo. É assim que eles vêem o mundo. É um conceito de ser humano abstrato, no espaço, fora de qualquer contexto histórico ou social, sem história: um absoluto. E esse absoluto é que virou o paradigma de todos os valores que fazem a sociedade e a economia se organizarem como são hoje: o referencial é este indivíduo abstrato.

Curioso é que não é só o indivíduo que está nesse jogo. Todas as outras unidades feitas de indivíduos, porém mais coletivas, também são vistas pela ótica do ego: os clãs, as raças, os espaços coletivos que se tornaram um fator de identidade... Tudo isso, quando absolutizado, virou um grande ego coletivo, onde o egoísmo, que funciona para cada indivíduo nas suas relações com o outro, funciona também para o coletivo. As nações

olham as outras nações com o olho do ego: eu, nação, sou a melhor. Eu, raça, sou a melhor. Eu sou o paradigma do real, do absoluto, e todo mundo que não me reconhecer como tal é uma ameaça e eu tenho que enfrentar. Daí entra, então, toda a ideologia da competição, da guerra. É impressionante! Se vocês fizerem um levantamento estatístico de quantas vezes os cadernos de economia de nossos jornais e revistas usam a palavra guerra: guerra comercial, guerra de preços... É um número infinito: quase todo dia. É para passar a idéia de que o natural é a gente se confrontar.

Pois é a isso que eu chamo de *centrismos*: essa forma de autocentração que acaba fazendo com que tenhamos uma prática em cima de um conceito ilusório, mítico, que não é real. O resultado dessa prática é o mundo desastroso, desumano, que nós estamos vivendo, com todos os elementos de violência, desumanização, redução do ser humano a objeto, a mercadoria, e todos os horrores que fazem parte do nosso dia-a-dia.

Mas vamos ao segundo passo, que é o de afirmar uma outra concepção: uma concepção multicêntrica do mundo. É onde entra um elemento fundamental: a diversidade. Nós temos que reconhecer que, assim como a vida da natureza é feita de biodiversidade, a vida humana é feita de noodiversidade (*noo*, em grego, significa a nossa capacidade de refletir, de pensar, de projetar ou construir um projeto a partir dessa visão). Essa é uma palavra riquíssima do grego. Podemos usá-la para falar da noodiversidade, que é um passo adiante da biodiversidade. É a mesma biodiversidade, mas, agora, na sua forma humanizada. Curioso que, até aqui, não podemos saber se somos únicos no Universo. Teilhard de Chardin, que é uma outra referência para mim, vai estar o tempo todo advertindo: dos seres que até agora nós conhecemos no Universo, o ser humano é a crista da onda evolutiva. Mas isso não quer dizer que seja o único... Então, talvez a gente esteja partilhando esse nível de consciência reflexiva com outros seres aí afora!

Mas, o importante seria retomar a visão do ser humano a partir da diversidade. Significa: sair da lógica do "eu sem nós" do capitalismo, dos egocentrismos de todos os tipos, sem cair na lógica do "nós sem eu" dos coletivismos de todos os tipos. Se



vocês olharem por essa lógica do “*nós sem eu*”, vão entender com mais facilidade porque caiu o Muro de Berlim, porque um projeto que era chamado Socialismo entrou em crise. O social, do nome Socialismo, foi esvaziado. No lugar, foi colocado Estado e Partido, dois atores que passaram a monopolizar o poder sobre a sociedade. Assim, muito antes do Muro de Berlim cair, o projeto socialista já tinha morrido.

Nós estamos aqui falando de uma concepção do “*eu e nós*” ao mesmo tempo: ou, “*ser e não ser, esta é a questão*”. Enganou-se Hamlet quando falou em “*ser ou não ser*”. Porque o mundo real é “*ser e não ser*” ao mesmo tempo. Então, a gente tem que pensar de novo o mundo; olhar com outros olhos a nossa vida e a nossa inserção nesse mundo.

A isso eu chamo – utilizando autores como Marx, Gramsci e outros – de filosofia da *práxis*: uma filosofia que articula conhecimento e prática; que integra esses dois como, realmente, o único caminho para se chegar perto do que é o real, para se conhecer o real e, portanto, poder transformá-lo criativamente. Por isso, nós vamos estar falando de utopia, mas com os nossos pés fincados na realidade atual.

A realidade não é só o que nós vemos e vivemos hoje. Essa é a realidade atual. Mas ela também carrega, dentro de si, uma outra realidade: que eu chamo de potencial; que é tudo o que ela está nutrindo, alimentando, potenciando e que pode se transformar em realidade, dadas as condições adequadas. E quem dá essas condições, em grande parte, somos nós. Então, eu redefino a realidade como um universo que é, ao mesmo tempo, uno e múltiplo, que é universo e multiverso ao mesmo tempo, onde a gente tem esse desafio maravilhoso de procurar criar equilíbrios entre o uno e o múltiplo. Somos, cada um, uma totalidade e, ao mesmo tempo, parcialidades de totalidades maiores, que são as coletividades, que é o *oikos*, a grande casa.

## 5. Economia e crematística

Fazendo referência à filosofia grega clássica, um dos pilares do nosso modo de conceber o mundo, lembramos a distinção

muito clara e importante que faz Aristóteles, entre economia e crematística. A atividade que nós chamamos hoje de economia não é, na verdade, economia. O conceito de crematística é o mais apropriado para falar do que, realmente, são os Malan, os Calabi, os Pedro Parente, os Gustavo Franco e outros que a gente conhece mundo afora. Não deixando de mencionar o Dornbush e outros mais. São todos crematistas, não economistas. Economia é a arte de gerir a casa: crematística é a preocupação de acumular riqueza material. É uma diferença muito grande.

A economia humana foi reduzida à crematística, principalmente pelo capitalismo. Mas não só: também por todas as concepções que reduziram o sentido de ser humano a produzir cada vez mais, consumir cada vez mais e ponto final, fechando aí o sentido da gente existir na face da terra. Então todos os produtivismos e consumismos caem juntos quando a gente menciona esta distinção entre Crematística e Economia. *Oikos*, que é a grande casa. Não só a minha casa familiar, que é muito importante como referencial, mas também cada comunidade a que pertencemos, o nosso país e a Terra: a grande mãe Terra que nos abriga, que nos deu origem e que vai receber os nossos restos mortais. Tudo isso é a grande casa que está na nossa mão administrar. E o que temos feito dela? Um desastre lamentável.

Não vamos entrar em detalhes, mas eu queria oferecer essa proposta de re-concepção de economia. E, a partir dela, apresentar duas outras referências sobre quem é o ser humano.

## 6. A visão de Karl Marx

Para a primeira referência, usamos a concepção do Marx, que centra a atenção no trabalho alienado. Mas, de jeito nenhum, reduz a superação da alienação à emancipação do trabalho. É uma condição *sine qua non* para alguma coisa muito maior. E o que ele inclui na alienação?

Primeiro, nós próprios: alienação em relação à complexidade que nós somos. Essa complexidade inclui toda a nossa dimensão material e física, que é a base de todas as nossas outras dimensões. Estas são imateriais e fazem de nós não apenas a soma de



órgãos, de membros, mas muito, muitíssimo mais do que qualquer outro organismo do mundo natural que nós conhecemos, além do ser humano. E, neste ponto, entra um desafio: como superar a alienação da nossa relação conosco próprios? A dimensão trabalho, que vai entrar logo adiante, já começa desde aqui. Quando a gente fala em educar-se estamos dizendo que temos que fazer um trabalho sobre nós. E são muitos os trabalhos que nós fazemos sobre nós próprios. Então, o tema trabalho já entra diretamente aí, mas vai se consubstanciar muito mais claramente nas outras relações que Marx menciona.

A segunda relação é com respeito à natureza. Nós somos relação com a natureza, uma relação íntima: o nosso corpo é pura natureza. E todo o resto também. Foi a natureza que nos gerou. A nossa consciência é moldada pela nossa vivência no mundo concreto, com toda a sua história de interconexões, e das relações que nós somos. A relação com a natureza está ferida, maltratada, rota, arrebentada. O desafio é restabelecer essa relação com a natureza, o grande *oikos*, essa grande casa nossa. Por isso, a discussão sobre outros modelos e modos de produção é fundamental. Pode tomar cem anos, mil anos, mas é agora que a gente já tem que visualizar alguma coisa adequada a este ser humano complexo, evolutivo e relacional que nós somos.

A terceira relação é com a sociedade, enquanto contemporaneidade com o coletivo, e com a humanidade, enquanto espécie através do tempo. Então há uma relação sincrônica, com os nossos semelhantes, e uma relação diacrônica, através do tempo-espço. Como restabelecer esta relação? A proposta da sustentabilidade, considerada imprescindível hoje, no planejamento de nossas atividades socioeconômicas, traduz uma percepção relacional do nosso ser humano: temos uma relação viva e ativa com as gerações passadas, atuais e futuras.

A quarta relação, para o Marx, é a relação com cada outra pessoa, a relação de alteridade. Que é diferente, em termos qualitativos, da relação com o coletivo: é a relação interpessoal. É a relação de olhar, de toque, de afetividade; ou de agressão, de violência, de negação. É a relação de acolhimento, de integração, de diálogo, de ponte, de comunicação, de compartilhar projetos



em comum; e pode ser também a relação de confrontar projetos, de não dialogar, de impor, de colocar imperativos categóricos – porque somos o único, somos o “*eu sem nós*”.

Portanto, diria que, se trabalhássemos em detalhe cada uma dessas quatro relações, teríamos aí uma matéria muito rica para alimentar uma concepção de socioeconomia a serviço de um ser humano que nós achamos que somos, mas que não podemos ser, dada a realidade histórica que vivemos. Foi esta a proposta do Marx. Por isso ele foi chamado de idealista: porque tinha um projeto de ser humano.

“Mas isso não é o mundo real”, dizem os diretores do Banco Central. De que realidade se fala? Só da realidade fenomênica que a gente tem hoje? O pensamento único? Ou de uma realidade muito mais complexa, que tem dentro, escondido, um potencial de ser alguma coisa muito maior do que só isso a que foi reduzida?

## **7. A visão de Teilhard de Chardin**

O último referencial que eu uso para falar da visão utópica, antes de entrar no empírico, é a visão do Teilhard de Chardin sobre o ser humano: aquela de uma grande espiral evolutiva que vem lá da origem da Terra. Nós nem sabemos como foi. Estamos Tateando, no escuro, como cientistas, astrofísicos etc. Pois não conseguimos detectar, praticamente, nenhum elemento mais substancial para dizer como apareceu e de onde apareceu este Universo. Será que ele é o único? Certamente ele não está parado. Mas como ele foi capaz de fazer do menos (o material), o mais (o imaterial)? Da matéria, veio a se dar o espírito? Dos seres inanimados, inorgânicos, resultaram os seres orgânicos, animados?

É essa a discussão que Teilhard faz com uma riqueza muito grande. Mas, aqui, eu não vou poder entrar nos elementos mais importantes. Vou, pura e simplesmente, me referir às tendências apontadas por Teilhard em seus vários escritos. Ele enuncia quatro tendências e acho que elas merecem ser referidas. Inclusive porque, para um biólogo, antropólogo e físico como Teilhard, elas se convertem numa proposta de sociedade, numa socioeconomia politicamente integradora e não excludente.



O seu pensamento é que nós somos um feixe de quatro tendências. A primeira tendência é a que a gente pode ver emergindo ao longo de toda a história dos mamíferos mas que, em particular nos primatas, ganha um impulso impressionante. Depois, por alguma transição ainda misteriosa, dá um salto para entrar numa esfera chamada por Theillard de Chardin de noosfera. É uma esfera de uma etapa superior da evolução biológica: a evolução da vida na sua etapa humana.

Então, uma primeira tendência evolutiva da humanidade é a personalização, a crescente individuação. A hominização veio acompanhada da crescente individuação. O interessante é que isso veio emergindo com mais pujança nos últimos dez mil anos: justamente o período em que a gente se assentou na terra e começou a construir coletivos maiores e relativamente confinados. Esses coletivos passaram então a disputar espaços, tanto com a natureza como entre si. E, à medida que isso tudo aconteceu, foram se formando as classes sociais, que também foram se complexificando à medida que se complexificou a própria evolução histórica. Mas o importante é que essa evolução foi se individuando cada vez mais. No entanto, nós ficamos até hoje na etapa da barbárie, de estar gritando a plenos pulmões o nosso ego contra os outros egos. Eu acho que nessa grande virada do século e do milênio – não sei se por causa da data, acho que não, mas por causa da conjunção histórica de fatores objetivos e subjetivos – está se abrindo espaço para um salto de consciência no sentido de a gente incorporar o outro e a outra.

A segunda tendência evolutiva da humanidade é a crescente socialização. Ela não vem separada da primeira, vem junto. Teilhard era um estudioso que podia assinar embaixo daquela idéia do “*eu e nós*” ao mesmo tempo. Mas, para ele, o que é socialização? Na medida em que estamos confinados em espaços cada vez menores e somos em número cada vez maior – o que ele chama de compressão planetária – ou achamos maneiras sociáveis, conviviais de compartilhar a nossa sobrevivência e a nossa vida – esta é bem mais do que mera sobrevivência – ou nós nos matamos enquanto espécie. Veja bem, não só enquanto indivíduos, mas enquanto espécie humana no *oikos* coletivo que é a Terra. É importante pensar isso a sério!



A terceira tendência é a tendência a uma crescente espiritualização. Isso em termos de uma lei muito natural, sem cair em qualquer tipo de confessionalidade religiosa. Eu tenho usado uma série de autores que substanciam essa concepção, de que a evolução no sentido cada vez mais espiritual é parte das leis da própria natureza. Uma leitura crítica que a gente faz desse caminho é o reconhecimento de que existe uma dimensão não material no seio da própria matéria. É uma dimensão espiritual do Universo que está ao mesmo tempo empurrando e sendo puxada para um desenvolvimento cada vez maior de si própria. Não há tempo aqui de trabalhar mais essa idéia, mas ela fica lançada. Talvez a maneira mais clara de ilustrar isso é o fato de nós estarmos entrando na era do conhecimento e saindo da era do trabalho manual. O que hoje está mais valorizado no mercado capitalista é o conhecimento. E o conhecimento é uma dimensão não material de nós. Quer dizer, essa dimensão cria uma tradução da tendência que o Teilhard já estava indicando no seu estudo prospectivo da evolução.

A quarta e última tendência, ainda mais chocante, é sua visão de um processo que tende a uma crescente *amorização*. Ele usa essa palavra mesmo, um neologismo, para falar da nossa natureza enquanto seres amorosos num universo que converge cada vez mais para o Amor. O que é o Amor para ele e, principalmente, para outros que não são de jeito nenhum religiosos, tal como Humberto Maturana, biólogo e médico chileno, que escreve amplamente sobre o tema do amor a partir das suas pesquisas naturais? Significa o acolhimento do outro, o respeito ao outro, a integração daquele outro como parte essencial do meu mundo. A minha percepção de que o outro está em mim e é, ao mesmo tempo, um prolongamento de mim. Ao fazer isso, a gente não pode mais querer o mal do outro.

Daí que o nosso projeto tem que ser solidário, mas numa outra dimensão de solidariedade que não apenas aquela natural. Isto é, aquela de sermos interconectados simplesmente porque fazemos parte de um universo que tem uma unidade e que é inter-relação: essa é uma solidariedade natural. Nós falamos de uma solidariedade consciente, construída como parte de um



projeto teleológico. Portanto, que envolve fins que nós lançamos em nossa ação; um projeto para iluminar a nossa ação. Essa é a concepção de Amor como lei natural de convergência, como uma tendência natural da humanidade.

Se tudo isso é verdade – estamos aqui no campo das hipóteses –, podemos concluir que o ser humano é um ser que tende à amorosidade, que tende a uma crescente espiritualidade. Não a uma crescente disputa por bens materiais e à mútua destruição para controlar esses bens materiais. Assim, é desse conceito que envolve um bando de pressupostos – que vocês têm todo o direito de questionar – que eu parto para discutir a Socioeconomia Solidária.

## 8. De passagem por Thomas More

Em seguida, eu entro com esse personagem impressionante que é Thomas More – que foi já referido aqui por duas vezes. Sua história é muito interessante: era um subversivo dentro do reino de Henrique VIII. Tinha tal integridade, no que concebia como sendo os valores, a ética e a moral do mundo, que chegou a sacrificar a própria vida por isso: para manter esses valores e ser coerente com eles. Durante anos, ele escreveu sobre a utopia, colocando a maior energia nisso. Acreditou, portanto, que era alguma coisa que um dia podia ser verdadeira. Isto é, que se podia passar da *utopia* – que quer dizer não-lugar – à *topia* – de *topos* que, em grego, significa lugar.

Interessante é que, entre outras coisas, ele escreve que esse mundo utópico é um mundo em que as leis e as regulações se fazem no sentido de fortalecer relações justas e equânimes no seio da sociedade e que, portanto, em tais relações está lançado o fundamento da paz. Ele concebe um mundo de paz a partir da lógica da justiça e da equidade, regido por leis que garantam essa lógica e a punição quando ela for violada. É o que está explícito em seu trabalho.

Outra coisa ainda mais espantosa, convergente com Marx que viveu alguns séculos depois dele, é a idéia de que o ser humano, à medida que evoluísse econômica e tecnologicamente,

iria chegar a poder trabalhar apenas 6 horas por dia nas tarefas da mera sobrevivência. O resto do tempo poderia, então, ser dedicado às tarefas especificamente humanas, no sentido de se ter prazer, curtir a vida, se comunicar, cultivar a beleza, a comunhão e o amor. Essa é uma parte da utopia de Thomas More que alguém, chamado Karl Marx, retomou a partir de vários outros autores, principalmente dos economistas utópicos, que tentavam de alguma maneira encontrar os caminhos. Foi essa busca que, hoje, nós herdamos.

## 9. A experiência concreta

Assim, esses elementos nos jogam direto dentro da experiência concreta. O Luís Inácio fez uma maravilhosa apresentação crítica da realidade que nós estamos vivendo no Brasil. Eu vou citar uma outra coisa, meramente complementar ao que ele está contando, e a partir da nossa vivência no PACS, no Rio de Janeiro. Mas é uma vivência que não se confina ao Rio de Janeiro. Ela se articula aos níveis de Brasil, de América Latina e de mundo com outras experiências que também estão buscando caminhos semelhantes e convergentes com os nossos.

A primeira referência é à humilde experiência de um Fórum de Cooperativismo Popular no Rio de Janeiro. Este fórum se articula a várias outras iniciativas como, por exemplo, uma rede de cooperativas que a FASE assessora e tem ajudado a criar. Também com o trabalho ultracriativo da Incubadora de Cooperativas da UFRJ. Juntos, estamos construindo alguma coisa em comum e buscando modos de convergir cada vez mais. A Incubadora nos convida para uma série de trabalhos de formação, seminários, conferências etc., construindo uma parceria, um compartilhar de visões, de experiências e de aprendizagens. Ao mesmo tempo que fazem parte do Fórum, freqüentando as suas reuniões mensais.

O Fórum tem perto de duzentas organizações e membros espalhados pelo Estado, dos quais cerca de 15 a 30 participam de reuniões mensais. Vários deles participam dos grupos de trabalho permanentes que nesse momento são cinco. Entre eles, o mais recente é o GT de Comercialização, que nós achamos uma



dimensão-chave, fundamental para fazer prosperar o processo de organização associativa e cooperativa. Com esse grupo de trabalho se visa a criação de pelo menos uma cooperativa de comercialização que vai fazer o serviço de criar pontes de mercado para as demais cooperativas.

Entre os impasses que encontramos, temos o seguinte desafio: como as nossas entidades-membros podem desenvolver uma dupla estratégia comercial: uma para o mercado capitalista, para a competição no mercado capitalista, e outra para o interior do mundo associativo e cooperativo? São duas estratégias essencialmente diferentes e, a respeito dessa segunda, há muito pouca acumulação sobre como fazer. Então, nós estamos trabalhando, teórica e praticamente, no sentido de introduzir novas maneiras de comercializar entre nós, de fazer produtos cooperativos chegarem de uma cooperativa para outra, de construir complementaridades, de trabalhar com cadeias produtivas cooperativas e associativas.

Na verdade, trata-se de ir construindo um projeto de socioeconomia, com uma lógica diferenciada, cooperativa e solidária, no interior mesmo do capitalismo. Acho que, à medida que essa socioeconomia se expande e vai ocupando mais espaço, ela passa a gerar efeitos de demonstração que comprovam ser ela ótima tecnicamente, tanto em termos da eficiência de cada empreendimento como da eficiência sistêmica.

Eficiência sistêmica é um elemento fundamental da nossa visão do concreto da socioeconomia: é cada entidade se preocupar com o bem-estar e o crescimento sadio e pujante do conjunto do sistema cooperativo e associativo. Isto implica uma série de fatores, de modos de se comportar etc. Tudo isso entra como busca das maneiras de se tentar responder adequadamente aos desafios daquelas duas estratégias de comercialização de que falávamos.

Há também a questão de como formar os preços na Socioeconomia Solidária. Usamos os mesmos critérios do mundo do capital? Esses, na verdade, são critérios de pura dominação do consumidor, do comprador. Porque, em geral, não estão relacio-



nados com o custo de produção. Estão relacionados é com quanto o capitalista pretende conseguir arrancar dos que compram. Mas passo adiante, por falta de tempo.

No Fórum, há o Grupo de Trabalho em Educação, que é absolutamente fundamental para nós. Esse grupo tem feito um trabalho paciente de ir construindo uma reflexão que, ao mesmo tempo, capacita para a viabilidade socioeconômica dos empreendimentos e vai abrindo, descortinando, as possibilidades de ir muito além de uma solidariedade promovida pelo próprio sistema e que é voltada para dentro do próprio empreendimento. Todo o discurso do sistema, quando fala em cooperativa, é esse: sejam muito solidários para dentro mas, para fora, competição cerrada e absoluta contra todos os outros, inclusive contra as outras cooperativas. E o nosso argumento é que o sistema é um só e que tudo que nós fazemos com cada outro, a gente está afinal fazendo consigo próprio. Portanto, temos que criar essa articulação entre a promoção do bem-estar de cada cooperativa e, ao mesmo tempo, a promoção do progresso coletivo do movimento cooperativo, associativo.

Temos também o Grupo de Trabalho de Crédito Cooperativo, no qual vimos fazendo estudos e discussões sobre diversas experiências de crédito cooperativo. Nesse momento, estamos dando os primeiros passos no sentido de criar um fundo cooperativo do próprio Fórum, para apoiar as iniciativas dos seus membros. Quem sabe, eventualmente, através de uma luta política para mudar a legislação, possamos conseguir que o Fundo chegue a se tornar um banco cooperativamente controlado por todos os seus membros?

Há, ainda, o Grupo de Trabalho de Comunicação e Informação que deve produzir um jornal, e o Grupo de Trabalho de Legislação e Apoio Jurídico, que orienta a gente a respeito das mudanças legislativas e nos alimenta para enfrentar o diálogo com o cooperativismo oficial: a OCB, a OCERJ e as outras Oc's estaduais.

Este é um diálogo difícil, porque eles vêem a gente como um perigo para o projeto cooperativo adaptado ao sistema capitalista. O nosso projeto é muito mais do que um mero meio de so-



brevivência para os pobres excluídos da nossa economia: é como um projeto de uma nova sociedade, de um novo modo de produção, a longo prazo.

Pois bem, com esses Grupos de Trabalho, nós temos nos relacionado com entidades cooperativas, associações, federações, na América Latina e mundo afora: algumas que fazem produção, outras que comercializam, algumas de crédito, outras de consumo, formando um universo riquíssimo e com um enorme potencial de convergência, mas profundamente fragmentado.

Um segundo desafio que se põe: como superar essa fragmentação de estarmos buscando construir um mundo cujos valores sejam a cooperação e a solidariedade, mas cuja prática continua sendo esfacelada, dividida, fragmentada? Frente a isso nós temos que ser muito criativos e olhar até para as igrejas evangélicas, para os carismáticos, que conseguem atrair tanta gente. Por que é que nós não conseguimos? O que está faltando para a grande massa da população descobrir que esse é o momento histórico de tomar nas mãos a oportunidade de emancipar o nosso trabalho – que é um fator que define o ser humano como ser humano? Esse é o momento histórico disso. O Marx, se visse a gente aqui, ia dizer: – “caramba, todos os fatores objetivos que faltavam na minha época, para realizar o *‘proletários, trabalhadores do mundo inteiro, uni-vos’*, estão acontecendo hoje, aqui, no final do século XX”.

## 10. Autocrítica

Temos que fazer uma profunda autocrítica, principalmente enquanto dirigentes populares, sociais, sindicais, partidários. Temos estado adormecidos para os potenciais que essa globalização nos abre. A globalização é olhada como mal, é demonizada, do mesmo jeito que o Clinton demoniza o Sadam Hussein e qualquer outro inimigo do sistema capitalista. E nós estamos fazendo isso com uma visão absolutamente não dialética da realidade. Dentro da globalização, eu menciono brevemente três evoluções muito importantes, e uma quarta, que deriva delas.

A informática está criando condições da comunicação ficar condensada em circuitos eletrônicos pequeníssimos; são bibliotecas inteiras guardadas num microssistema informativo. Pois a informática, ao ser incorporada na robótica, constrói um mundo de máquinas cada vez mais "inteligentes", capazes de fazerem uma série de operações intelectuais, inclusive mais rapidamente do que nós. Mas nós nem sabemos por onde vai isso. Vejam o ano 2001. *Uma Odisséia no Espaço*, vejam *O Caçador de Andróides* e outros filmes tremendamente desafiadores da nossa imaginação, nesse sentido. De qualquer maneira, me parece que, ao introduzir o circuito nas máquinas, a gente deu um grande passo em termos de economia do tempo de trabalho do ser humano.

No entanto, o mundo sindical e trabalhador está vendo isso como uma terrível ameaça, sobretudo os dirigentes sindicais. O que é uma lamentável falta de visão histórica da evolução da própria luta sindical. Eu não vou me aprofundar aqui. Mas queria dizer que, só agora, depois de vários anos de diálogo com o movimento sindical, sobretudo com a Cut e os sindicatos a ela filiados, só agora estamos conseguindo um diálogo que convence o pessoal. – "É, de fato o mundo não é mais aquele mundo industrial. O sindicato feito para o mundo industrial está inadequado. Tem que se reformular radicalmente e não há tempo a perder." Um bom sinal disso é que, no começo de dezembro, vai haver uma reunião na Escola Sul da Cut para discutir essa questão e a visão que pode resultar daí: de uma outra socioeconomia, em que os trabalhadores e as trabalhadoras se tornem, finalmente, sujeitos do seu próprio trabalho, do seu próprio desenvolvimento, da sua própria história.

Mas o problema não pára aí. Por uma razão muito importante: trata-se não apenas de limites e fragilidades objetivos, relacionais, institucionais, mas também de mudanças culturais, de valores, de atitudes e comportamentos com referência a nós próprios. Assim que, olhando a nossa prática do dia-a-dia, o nosso cotidiano nas relações familiares, de trabalho, de cooperação, percebemos que estamos continuamente negando aquilo que nossa proposta, nossa fala e nosso discurso afirmam. É aquele



buraco entre a teoria e a prática, que a metodologia da *práxis* trabalha por instrumentar a superação.

Então, o que eu queria sublinhar é que me parece que nós e os nossos dirigentes políticos, sindicais, populares não estamos suficientemente sensibilizados para esse desafio, para essa frente de luta: a frente de luta da subjetividade, da cultura, dos valores e modos de nos relacionarmos uns com os outros, com o mundo, com a natureza. Nós viramos arena de luta tanto quanto o mundo aí fora.

## **11. Atuação nas três vertentes: micro, meso e macro**

Bem, entre as diversas experiências muito ricas que nós temos, uma delas é na Espanha, sobretudo na região da Catalunha, onde uma cooperativa de advogados trabalhistas conseguiu se converter num foco irradiador de um cooperativismo criador. A partir da defesa dos trabalhadores que iam sendo demitidos por conta da reestruturação produtiva, tecnológica e organizativa do capital, eles iam estimulando a formação de cooperativas e associações de uma forma interligada. Então, nos últimos dez ou quinze anos, conseguiram construir uma rede de mais de cem cooperativas, buscando uma crescente complementaridade entre elas e procurando o diálogo com outros espaços mais. Através desse diálogo, conseguiram fazer convergir duas federações de cooperativas em uma só. Agora, a Federação dos Trabalhadores Autônomos da Catalunha congrega muito mais do que as cento e poucas cooperativas – estaria entre 150 a 200 cooperativas e associações – como parte do seu universo de produção de bens e serviços, articulação política e representação política.

Este exemplo eu o situo numa primeira vertente da realidade concreta de que falamos, que é a do nível micro: o desenvolvimento de um cooperativismo solidário no espaço micro. É exatamente sobre isso que eu estou falando: do cooperativismo, associativismo e qualquer outra forma que tenha como referencial principal o trabalho humano – e não o capital – como aquele que lhe dá legitimidade para tomar decisões, gerir e ganhar.

Numa segunda vertente, de nível meso, eu situo as redes de trocas solidárias. Eu vou só mencionar isso como uma experiência baseada em vários países: Canadá, Inglaterra, Austrália, de- pois, França, Irlanda e, agora, um monte de países da América Latina, entre eles, Argentina, Colômbia, México. Nesses países, por vias diversas, estão se criando comunidades de pessoas que moram em lugares comuns, bairros, aldeias camponesas etc., e que estão precisando de outros modos de sobreviver além do trabalho assa- tilhar. Então, essa congregação faz com que seja possível compar- ofertar entre si necessidades e demandas por um lado, recursos e partir da fala de cada pessoa e de cada instituição representada, nós acabamos por obter um quadro de necessidades que aqueles recursos e aquelas ofertas responderam maciçamente.

É surpreendente o olho arregalado das pessoas quando se dão conta de que uma grande parte das nossas necessidades familiares, domésticas e outras podem ser respondidas por aquele grupo ali. E mais, como a coisa cresce e o número de participantes aumenta, a troca direta fica mais complexa. Então nós criamos uma moeda comunitária para escapar da prisão do real, do peso e de qualquer outra das moedas oficiais. Uma moe- da que não tem taxa de juros; que só tem valor pelo trabalho que é trocado, senão é uma simples folha de papel. Por exem- plo, tenho aqui uma nota de cinco tupis da nossa rede de trocas solidárias no Rio de Janeiro. Cada tupi vale uma hora de trabalho social, seja material ou intelectual. Cinco tupis valeriam cinco vezes um valor relacionado com o real. Nós estabelecemos essa relação: um tupi vale cinco reais; cinco tupis valem vinte e cinco reais. Por quê? Porque, segundo a estatística do Dieese, os cinco reais equivalem à hora de trabalho de um salário mínimo suficiente para manter o marido, a mulher e dois filhos, no mundo de hoje. Então, sete a oito vezes maior do que o salário mínimo efetivo do Brasil, hoje.

Pois bem, partindo agora para a terceira vertente, aquela de nível macro, devo dizer que nós estamos numa rede chamada Aliança por um Mundo Responsável e Solidário, dentro da qual existe um pólo, uma rede de Socioeconomia Solidária. Estamos



procurando ajudar a articular esta Aliança a nível global. Isso já é uma perspectiva de articulação global, de diálogo, de troca de experiências, de visitas mútuas, que nós pretendemos que resulte numa formulação mais clara, em respostas cada vez mais eficientes e eficazes às perguntas e desafios que Luis Inácio e outros temos levantado. Ao mesmo tempo, é um instrumento de conexão para uma ação comum. É aquilo que o José Luís Coraggio disse aqui: pensar e agir ao mesmo tempo, local e globalmente.

Essa é a lógica. E, por ela, nós achamos que podemos criar o que está dito num pequeno texto que escrevemos: “para uma humanidade policêntrica, uma economia policêntrica; para uma humanidade diversa e complementar, uma economia diversa e complementar; para uma humanidade personalizante e socializante, uma economia personalizante e socializante ao mesmo tempo; para uma humanidade autogestionária e solidária, uma economia autogestionária e solidária. Enfim, para uma humanidade espiritualizante e amorizante, uma economia espiritualizante e amorizante”.

---

## Questões debatidas

Marcos Arruda

### **Um mercado solidário: crise sistêmica e projeto alternativo**

Um comentário sobre o tema da relação dos empreendimentos cooperativos para fora. Essa dificuldade é muito grande porque, na prática, os mercados, mesmo quando há cooperativas vendendo e comprando entre si, jogam as pessoas umas contra as outras. Então nós temos que estar trabalhando essa contradição e examinando como podemos até competir, mas com um outro espírito. Como é que poderia haver uma competição que não acaba nela própria? Eu tenho aí nesse caderninho, um pequeno conto do Rubem Alves sobre o tênis e o frescobol. Chamo a atenção de vocês para ler, porque fala bastante desse problema: como, ao mesmo tempo, atender à nossa necessidade mais do que legítima enquanto pessoa e pequena coletividade – que é o empreendimento – e, ao mesmo tempo, estar procurando ajudar a promover outros empreendimentos e o sistema como um todo?

Então, essa articulação, me parece que é fundamental e vai além do que o sistema capitalista é capaz de oferecer, que é competição entre empreendimentos no espaço do verdadeiro mercado, o único mercado, que é o capitalista. Nossa tarefa inclui criar um mercado solidário. O que é isto? Que conteúdo dar a isto? Que sistemas de relação estabelecer para que isto passe a acontecer e transforme utopia em topia? Esse desafio, para nós, é fundamental também.

Na nossa visão, a economia entendida como crematística vai acabar e não vai demorar muito. Na minha maneira de ver, devido às suas próprias contradições internas, que estão gerando o limite de contradições em relação ao caminho natural do Universo e do ser humano. Não só por isso, mas também porque



nós estamos querendo construir o novo. É uma conjugação dos dois fatores que tem que resultar numa transformação inovadora. Vocês vão encontrar essa idéia no título “Antevendo o fim da economia e da política”, de um caderno que escrevi. É uma perspectiva que discorda do que o nosso companheiro Paul Singer disse aqui. Segundo ele, num sistema de socioeconomia solidária, nós podemos ter espaços também para iniciativas capitalistas, já que nós somos abertos e tal. Eu acho que não. Acho que vamos ter enquanto não conseguirmos acabar com o capitalismo. Mas, à medida que construímos uma alternativa e ela perpassar as sociedades mundo afora, isso vai acabar caindo de podre. E nós não queremos preservar essas relações no interior da socioeconomia solidária ou da globalização cooperativa e solidária.

Eu tenho estudado muito a globalização financeira do mundo como elemento que tem que ser acompanhado com muita atenção. Em dupla via: uma, a crítica do que está acontecendo quanto ao afastamento desse sistema financeiro internacional com relação à realidade da economia do mundo e das pessoas. O que, portanto, nutre um potencial explosivo no sentido de provocar crises cada vez mais sérias, que abalam até a economia mundial, como disse o Paul Volcker, ex-presidente do Banco Central dos Estados Unidos, quando ele realmente ficou apavorado com a crise russa e escreveu um artigo no Financial Times a esse respeito. Eu nunca tinha ouvido ninguém do mundo capitalista falar em sistema capitalista. Quanto mais para dizer que o sistema está em risco. De modo que uma crise maior – seja financeira, social, ambiental, ou qualquer outro potencial de crise – vai certamente abalar as raízes do sistema atual.

É claro que esse sistema tem mil instrumentos para se reorganizar e continuar o seu caminho. Mas também pode acontecer que os seus pilares fiquem abalados de repente, e o povo vai estar procurando alternativas ao que lhe é imposto. E aí vão aparecer as nossas experiências acenando com um caminho diferente de reorganizar a sociedade e a vida humana através de uma reorganização da economia.

Vai por aí, então, uma advertência: fiquemos de olho no potencial de crise das contradições do próprio sistema. Estejamos

preparados para enfrentá-la quando chegar. Não nos deixemos ser apanhados desprevenidos. É nesse sentido que – falando agora de dentro de casa, como o Chico de Oliveira – eu me pergunto: como o PT está pensando essas coisas? Que tipo de estratégias ele está formulando, adequadas aos diferentes cenários possíveis para o mundo, para o Brasil, para a América Latina? Não está formulando infelizmente. Eu acho fundamental a gente ter um projeto viável de governo, na próxima campanha eleitoral. Ou então vamos estar repetindo o óbvio: redistribuição da renda, da riqueza, uma política fiscal mais progressiva, e por aí vai. Isto é, medidas que não levam a um projeto de nova sociedade.

### **Relações com o Estado**

Uma dimensão fundamental da terceira vertente, em nível macro, é aquela do Estado: a vertente do trabalho que nós achamos essencial de ser feito junto aos governos municipais, estaduais e federal e junto até às agências multilaterais, porque elas estão metidas em tudo isso, através dos seus fundos e dos processos de endividamento que nos chegam todo o tempo.

Então, nós temos feito esse trabalho de diálogo com o Estado. A vitória do Garotinho, no Rio, ajudou muito a criar algumas pontes importantes. Pela primeira vez, a gente fez um encontro estadual sobre cooperativismo e associativismo, em que estavam presentes o cooperativismo oficial, o cooperativismo popular – com as suas várias representatividades – e o Governo do Estado. No Rio Grande do Sul, a mesma coisa.

O lugar mais difícil de se perceber a importância dessa vertente é, justamente, a Espanha, onde a marca anarquista ainda é muito forte. Parece que os nossos companheiros e companheiras de lá, simplesmente, não querem saber de qualquer frente de diálogo com o Estado. Eles acham que as soluções só podem vir da sociedade. Nós discordamos disso e temos um diálogo intenso com eles, nesse nível.

Em relação ao papel do Estado, eu acho que nós temos que olhar o problema com os dois olhos. Um deles é o olho da atualidade, na qual o tema das políticas públicas é chave. Mas a atua-



lidade também é cambiante. Por isso temos que nos perguntar sobre o que é que pode acontecer com o governo Fernando Henrique e o seu “horror” estabelecido – um Brasil de mal-estar, como disse o Chico? O que é que pode acontecer com este governo daqui a três anos, se ele continuar devastando a economia brasileira, a soberania e a sociedade? É possível que o povo diga: caramba, a alternativa tem que ser por ali. E nós? Que alternativa, além de reformar e remendar este sistema, nós temos? Que correlação de forças a gente tem para traçar táticas adequadoras e estratégias realmente transformadoras? Temos essa dupla perspectiva. Ou não?

Em relação a uma visão de longo prazo sobre o papel do Estado, talvez a melhor imagem, no campo da utopia realista, é uma interpretação que fiz do pequeno texto do Marx no qual ele enuncia o problema do Estado. O texto, em francês – a versão no castelhano foi mal traduzida do alemão –, fala em *abolição do Estado*. Mas o termo que Marx usou no alemão de fato quer dizer: “*superar integrando o velho*”. Trata-se então de destruir este Estado, mas me parece que alguma instituição – tenha lá o nome que tiver, pode não ser Estado, mas que seja qualquer coisa – terá que exercer esse papel de orquestrar a unidade na diversidade.

Seria esse um Estado democratizado – ou que nome vocês queiram dar. Não me preocupa tanto o nome quanto a realidade de uma instituição que catalisa e gera um ambiente favorável para que a gente inverta de cabeça para baixo este triângulo que existe hoje: estado, economia (privatizada-privatista) e sociedade (objeto). Se a gente inverter esse triângulo, vai aparecer a sociedade no topo, o estado e a economia democratizada assumidos pela sociedade como um todo e não apenas pela fração privada da sociedade. É a perspectiva que o Gramsci propõe com a seguinte frase: “um Estado democratizado seria um Estado cercado de sociedade civil organizada por todos os lados”.

Eu também uso a imagem de uma orquestra de jazz, em que o regente, ao mesmo tempo que rege, toca um instrumento. Mas o papel dele é articular a harmonia naquela diversidade. Cada instrumento está improvisando, está tocando o seu caminho, a

sua voz de instrumento. Há uma diversidade. Cria-se no meio daquela diversidade e a partir dela – não às custas dela – uma unidade, que é a harmonia musical. Assim, este, talvez, seja um bom exemplo. O maestro de jazz seria o Estado, que a gente pode visualizar como um projeto histórico de longo prazo, para criar harmonia nessa diversidade. Pode ser que chegue o momento em que isso nem seja necessário. Eu acho difícil, porque é a tal história de como articular o micro, o meso e o macro, sem destruir nem um nem outro. Esse é o grande desafio, porque todos são dimensões da mesma realidade e têm que ser incorporados no mesmo projeto de relações.

Mas para se chegar a isso é essencial a gente ter uma estratégia. E essa estratégia passa por ocupar o Estado. Na etapa atual, a gente está pressionando o Estado para que ele mude de política. Por isso, a questão das políticas públicas – nos níveis municipal, estadual, federal, sub-regional (Mercosul), regional (Alca) e internacional – é fundamental. Ora, a gente está trabalhando em todas essas frentes ao mesmo tempo, tentando mudar as políticas que os poderosos minoritários estão impondo aos nossos povos. Mas isso não é suficiente. Nós temos que ter um projeto que indique o que vamos fazer no dia em que chegarmos lá.

Por exemplo, no dia em que o PT ou uma frente progressista ganhar o governo do país, nós vamos estar dentro do Banco Mundial, dentro do FMI, dentro do BID. Mas com que políticas? Vamos fechar as portas a essas instituições? Vamos destruí-las? Não dá. Para isso tem que ter maioria! Se não dá, então como vamos atuar lá dentro? Vamos tirar o Brasil de um espaço multilateral? Tem que formular uma política para isso, e saber como influir na política que eles geram, que afeta a vida até de um trabalhador pequenininho, lá na base. Então, tem que haver uma estratégia que abranja todas as frentes de luta, das mais micro às mais macro, das mais específicas às mais gerais. Sem isso, o partido não está cumprindo o seu papel. As organizações populares também não. É desafiante, é difícil, mas, sem isso, a gente não vai muito longe. Sem isso, nós vamos acabar de cachorro correndo atrás do próprio rabo: ativíssimos, mas indo a lugar nenhum!